



A ARTE COMO TÁTICA E UMA RÁDIO SEM SINTONIA

ART AS A TACTIC AND AN OUT OF TUNE RADIO

Márcia Braga
UFRGS

RESUMO

No presente artigo refletimos sobre a categoria de tática, cunhada por Michel de Certeau (1994), tendo como foco a proposição poética *Rádio da Cidadania*, elaborada e realizada a partir de processos colaborativo-dialógicos, pelo coletivo *Balcão da Cidadania* e grupos de pessoas privadas de liberdade do *Presídio Estadual Feminismo Madre Pelletier*, em Porto Alegre, durante parte do período correspondente a pandemia da Covid 19. Trechos das músicas mais pedidas, e executadas na rádio, dão ritmo ao texto.

PALAVRAS-CHAVE

Arte. Tática. Coletivo Balcão da Cidadania. Pessoas privadas de liberdade. Rádio da Cidadania.

ABSTRACT

In this article we reflect on the category of tactic, coined by Michel de Certeau (1994), present in the poetic proposition Rádio Cidadania, elaborated and carried out based on collaborative-dialogical processes, by the Balcão da Cidadania collective and groups of people deprived of their liberty in the Madre Pelletier Feminism State Prison, in Porto Alegre, during part of the period corresponding to the Covid 19 pandemic.

KEYWORDS

Art. Tactics. Citizenship Desk. Coletivo Balcão da Cidadania. Persons deprived of liberty.

Introdução

Sinto uma grande vontade de chorar
Ao ver a minha mãe aqui vindo me visitar
Talvez se eu tivesse pensado um pouco mais
Talvez hoje eu não estaria atrás
De uma sela num pátio de presídio
Numa triste tarde de domingo
Mãe, como anda lá em casa?
Como anda os manos da quebrada?
Como anda o Duda? como anda o Fabio?
Como anda o Mio pixote o Renato



Como anda os manos João Paulo cadê o Keno?
Estão todos em paz ta valendo
Veja só como que é este lugar
Eu sinto o cheiro de morte no ar
Aqui raramente se fala de amor
(Realidade Cruel, 2016).ⁱ

Sou artista visual e integro um coletivo multidisciplinar de mulheres, o *Balcão da Cidadania*, que vai ao encontro de pessoas privadas de liberdade no *Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier* (Porto Alegre), para, com elas, desenvolver processos em colaboração (e falar de amor, também).

Nossos grupos de trabalho são compostos por pessoas alocadas na *galeria D*, um espaço destinado a quem está na prisão em condição temporária, aguardando julgamento. São presas provisórias. No contexto específico do nosso projeto, a maioria das pessoas com as quais já colaboramos é branca, tem idade entre 20 e 30 anos e, de forma geral, provém de comunidades em vulnerabilidade socioeconômica.

Os encontros semanais que o coletivo promove iniciaram em 2005, através de um projeto de extensão universitária, vinculado à faculdade de direito da Unisinosⁱⁱ em parceria com a Susepeⁱⁱⁱ, sendo as atividades, desenvolvidas naquele momento, relacionadas ao âmbito do direito^{iv}. Em 2017, o *Balcão da Cidadania* se desvincula da universidade e abre a participação a profissionais de outros campos. Dois anos depois, passo a compor o *Balcão*. Atualmente, somos sete mulheres: três advogadas, uma psicóloga, uma assistente social, uma cantora e eu, artista visual e arquiteta.

Nosso projeto consiste na criação de um ambiente de participação onde, através da metodologia dialógica (FREIRE, 1980,1999; BAKHTIN, 2088,1997; KESTER, 2017, BOHM, 1992, 1996), realizamos colaborativamente um trabalho poético que aqui é analisado sob a perspectiva da categoria de tática, desenvolvida pelo historiador francês Michel de Certeau (1994).

Tomando emprestada a categoria de tática de Certeau, teceremos uma reflexão em torno de uma das propostas desenvolvidas em colaboração com grupo do *Madre*



Pelletier, durante parte do período correspondente à pandemia de Covid19, e que resultou, também por esse motivo, em um processo com diversas singularidades examinadas neste artigo: a *Rádio da Cidadania* (2020-2022).

A tática

A vida é pra quem sabe viver
Procure aprender a arte
Pra quando apanhar não se abater
Ganhar e perder faz parte
Levante a cabeça amigo a vida não é tão ruim
Um dia a gente perde mas nem sempre o jogo é assim
Pra tudo tem um jeito, e se não teve jeito
Ainda não chegou ao fim
Mantenha a fé na crença se a ciência não curar
Pois se não tem remédio então remediado está
Já é um vencedor quem sabe a dor de uma derrota
Enfrentar
(Rodrigo Leite / Serginho Meriti, 2014)^v

Ao ingressar na prisão, as pessoas que constituem nossos grupos^{vi} de trabalho passam a ter uma série de restrições, só podem desenvolver atividades que lhes são permitidas, não aquilo que gostariam ou teriam vontade de fazer. A partir desse momento, não são mais donas/os das suas vidas, são governadas (por alguém que se faz ver pela sua capacidade de punir). Ser governado “implica, além de ter um modelo imposto sob a sua existência, receber de antemão os termos dentro dos quais sua existência será ou não possível” (Butler, 2013, p. 170). Quais existências são possíveis dentro da prisão? Como se dão? Existem modos de fazer do homem ordinário (Certeau, 1994)^{vii} que permitem que ele resista ao que lhe é imposto como forma (temporária) de vida? Como a arte que realizamos colaborativamente no *Madre Pelletier* pode (se pode), através do uso de táticas (como modos de fazer), atuar no contexto prisional, e na direção contrária daquilo que é imposto: da independência, da indisciplina^{viii} e da liberdade?



Proponho iniciar a construção das nossas reflexões pelas perguntas expressas no final do parágrafo anterior, aproximando-nos da definição da categoria de tática elaborada por Michel de Certeau (1994). Para o autor, a tática é

(...) a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza uma lei de uma força estranha. Não tem meio para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado. (CERTEAU, 1994, p.100)

Da definição de Certeau (1994) surgem, imediatamente, atravessamentos, novas provocações que se somam as primeiras, importantes, se não basilares para a pesquisa que venho desenvolvendo que seriam: quem é o inimigo de quem se encontra em situação de privação de liberdade? A sociedade que cria e mantém a prisão? A própria instituição? Quem tem o poder de punir, de castigar o outro?

Essas perguntas parecem ser endereçadas ao filósofo Michel Foucault e ao conceito de governamentalidade (Foucault, 2008) como possível resposta. O autor define governamentalidade como sendo um “tipo de poder que podemos chamar de ‘governo’ sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo” (FOUCAULT, 2008, p. 143- 144), incluindo o governo sobre o outro, o controle sobre os corpos, que encontra na prisão, no meu entender, seu lugar de máxima expressão^{ix}, mas que também se faria presente em todos os âmbitos da vida, em menor ou maior grau, como nas escolas, nos hospitais, nos quartéis e nas fábricas.

Assim como afirma Certeau (1994, p.40), essa rede de vigilância estaria por toda parte e seria urgente descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela, perguntando-se quais seriam os procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) que jogariam com os mecanismos da disciplina sem se conformar com ela, pelo contrário, buscando alterá-la; “enfim, que ‘maneiras de



fazer' formam a contrapartida, do lado dos consumidores ou (dominados), dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolítica" (idem).

Obviamente, não me atrevo, nem seria a intenção (e ambição) do presente artigo me lançar na empreitada que seria entender e analisar estas formas de existir e resistir no contexto social vigiado, mas, sim, ousou pensar o "minúsculo cotidiano" dentro da atual pesquisa e na especificidade do cárcere no contexto do *Madre Pelletier* e dos grupos com os quais trabalhamos, analisando "as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora, (...) 'como modos de proceder e essas astúcias de consumidores que compõem, no limite, a rede de uma antidisdisciplina' (CERTEAU, 1994, p.41).

A antidisdisciplina é a palavra chave que abre a porta para voltarmos ao pensamento de Foucault (2008) quando sugere que, junto ao fenômeno da governabilidade (que impõe controle e disciplina sobre os corpos), há também uma possibilidade de crítica, uma forma de resistir. Na presente pesquisa, relaciono esta forma de "resistir" à categoria de tática, elaborada por Michel de Certeau (1994). Trata-se, portanto, de "um modo de fazer que caracterizaria o homem ordinário e que o ajudaria a resistir às pressões da governamentalidade". (SILVA e SILVA, 2016, p.1)

Na realidade do nosso grupo de trabalho, a governabilidade estaria associada ao absoluto controle dos corpos que, na prisão, é exercido segundo normas e regras rígidas que determinam a óbvia impossibilidade de circular, o controle e a vigilância constantes de seus movimentos e a imposição de uma rotina com horários fixos para realização das atividades mais básicas: dormir, acordar, tomar banho ou sair para o pátio^x. Foucault (2014) afirma que essa "disciplina rígida é um dos métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade e utilidade". (FOUCAULT, 2014, p.135)



O trabalho que desenvolvemos no *Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier* envolve um “agir” que acontece “dentro do campo do inimigo” (CERTEAU, 1994) que é o sistema carcerário, a própria instituição penitenciária. Nos “infiltramos” na prisão todas as sextas-feiras. Os encontros promovidos por nós, do coletivo *Balcão da Cidadania*, parecem criar brechas, lacunas, lugares que escapariam ao suposto controle dos corpos, e que, ao mesmo tempo, permitem que esses corpos vivam, por alguns momentos, fora do programa imposto. Entendo que, nesses pequenos e reduzidos espaços temporais, correspondentes às nossas duas horas semanais, fazemos algo que, talvez, provoque certo movimento, desestabilize, por um tempo, a realidade do confinamento^{xi}, configurando uma espécie de resistência à governamentalidade: a tática.

Pensada por Certeau (1994), a tática seria intuitiva, qualitativa e poética. Poderíamos entendê-la como um conjunto de procedimentos de resistência, uma necessidade da vida, de continuar vivendo em que pese todas as dificuldades: as condições insalubres e precárias da prisão, a distância da família e de pessoas queridas, a falta de atividade. A tática ganharia corpo entre os que vivem no subsolo do mundo (os que se arrastam, os répteis), os quais, para existir, são obrigados a resistir, constituindo, portanto, uma forma de subverter a ordem a partir da própria ordem, por meio de jogos e de dizeres esperançosos, enfrentando os enquadramentos racionalizados da vida com uma estética da existência, uma poética do cotidiano (Certeau, 1994). Segundo o autor (CERTEAU, 1994, p. 41), as táticas dos sujeitos do cotidiano seriam uma resposta à dominação, à vigilância. E, sendo uma teoria da contraparte, contra hegemônica, uma antidisiplina, ela opera na ordem do contingente, do fragmentário, sendo capaz de responder a uma necessidade de maneira ágil e flexível, seria baseada no imprevisto, introduzindo-se por surpresa em uma ordem (idem).

Assim “(...) as táticas apontariam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta” (CERTEAU, 2012, p 96). Nesse sentido, sair do confinamento da cela, por algumas horas, é sempre uma forma de passar o tempo, de se entreter



com algo, de encontrar outras pessoas, mesmo que estejam todas na mesma condição. Para algumas pessoas presas, envolver-se nas tarefas de limpeza da prisão ou trabalhar como merendeira (realizando atividades na cozinha)^{xii} passa a ser uma opção, um tempo fora da cela. Qualquer oportunidade para sair do confinamento é uma “possibilidade de fuga”, mesmo que mínima, da entediante rotina, como participar das aulas da EJA, dos grupos de leitura, ou de projetos como o nosso, do *Balcão da Cidadania*.

As pessoas que constituem nossos grupos de trabalho relatam que não poder escolher o *quê*, *como* e *quando* fazer, ou não, algo, é uma tortura, é desejar coisas simples que não podem ser realizadas; entregar suas vidas nas mãos de outras pessoas e ter que aceitar o que lhes é imposto como uma forma de viver. Comentam ainda que se sentem como peças de um jogo, onde alguém move seus corpos dentro do espaço de um tabuleiro, de lá para cá, segundo regras que, muitas vezes, desconhecem.

Nesse sentido, penso que, juntos, nosso coletivo, o *Balcão da Cidadania*, e os grupos de participantes de dentro da prisão, atuamos, justamente, “nas fraturas, nas aberturas de novos mundos que surgem de desregramentos e das redistribuições dos lugares e das temporalidades, dos corpos que reivindicam ocupar outros lugares e ritmos diferentes daqueles que lhes eram demarcados”. (CESAR, 2007, p.21). Por isso, falamos em “espaços de liberdade”, em que pese a prisão. Em nossos encontros, nas sextas-feiras, há lugar para todas as manifestações, e a única regra é respeitar o momento de manifestação de cada pessoa para que todas possam falar e serem ouvidas dentro da metodologia de trabalho que construímos, que é colaborativa e dialógica.

Quando a tática é sobreviver

Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo
Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol
Vai vendo!
Mas o sistema limita nossa vida de tal forma



E tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver
(Afro-X e Racionais MC's)^{xiii}

Quando um vírus desconhecido e letal ameaçou nossas vidas, não havia nada mais importante, dentro e fora da prisão, do que sobreviver. Encontros suspensos, isolamentos forçados. Cuidados. Enquanto como *Coletivo Balcão da Cidadania*, através do uso da internet e todas as suas possibilidades, conseguimos trocar informações e manter nossos encontros virtuais, a comunicação com as pessoas parceiras de trabalho, de dentro da prisão, era inexistente. Chegaram a nós informações gerais, dentre elas, a de que não havia casos de COVID19 no *Madre Pelletier*, mas, isso não nos parecia suficiente. Desconfiávamos que, talvez, essa não fosse a realidade. Não que seja esse um sentimento infundado, afinal, em momentos de “certa normalidade” o estado, que se propõe a proteger e reinserir o grupo de pessoas que está sob seus cuidados, não o faz, o que poderia estar acontecendo nesse momento de total descontrole?

Em dado momento (aproximadamente três meses depois do início da pandemia) entendemos, como coletivo, que era essencial, necessário, até mesmo urgente, pensar uma forma de restabelecer a comunicação com nosso grupo de trabalho. Queríamos entender, objetivamente, através das próprias pessoas presas, qual era a real situação da pandemia dentro do *Madre Pelletier* e, quem sabe, poder assumir algum papel nesse devastador contexto que, de alguma forma, pudesse amenizar algo do sofrimento vivenciado^{xiv}.

Na busca de como nos aproximar, sem contato físico das nossas parcerias de trabalho, e diante da impossibilidade do uso da internet dentro das prisões, nos ocorreu recorrermos a recursos analógicos. Baseadas na nossa própria experiência e nos processos que já vínhamos desenvolvendo com nosso grupo de trabalho dentro do *Madre Pelletier*, que envolviam uma metodologia colaborativo-dialógica permeada por processos de escrita, propusemos transferir para o papel nossos diálogos presenciais, anteriores à pandemia, através de uma troca de correspondências físicas.



As ações para a realização da troca de cartas pareciam ser relativamente simples, mas o contexto pandêmico as tornava desafiadoras. Consistiam em: a) levar até a penitenciária os materiais necessários para a escrita (folhas de papel e caneta) devidamente higienizados e empacotados em sacos plásticos; b) entregar o material para o nosso grupo de trabalho; c) depois recolher as cartas escritas no *Madre*; d) fazer chegar os retornos das cartas ao nosso coletivo, *Balcão da Cidadania*, para que todas pudessem ler. Para tanto, era preciso estabelecer uma dinâmica, uma espécie de correio.

Compartilhamos a ideia da troca de correspondência com nosso grupo de trabalho através de uma carta que foi lida no pátio da penitenciária para o grupo da galeria D. Recebemos muitos retornos, manifestando desejo de participar e nos incentivando a seguir adiante com o projeto. Na sequência, solicitamos e obtivemos autorização dos órgãos responsáveis e colocamos o projeto em prática, contando com o apoio de uma agente, uma “porta-voz” (a agente penitenciária Marília), que se dispôs a intermediar esse diálogo, fazendo o movimento de “leva e traz” da palavra.

O correio acontecia no pátio do *Madre Pelletier* durante o horário de sol quando nossas parcerias de trabalho entregavam as cartas para a agente Marília, que as reunia em um saco plástico para depois entregar a uma das componentes do balcão. A advogada Simone Gottfried morava próxima a *Madre* e, por essa condição, assumiu a função de recolher as cartas para, no momento seguinte, fotografar e compartilhar as imagens no grupo de whatsapp do coletivo (Imagem1).

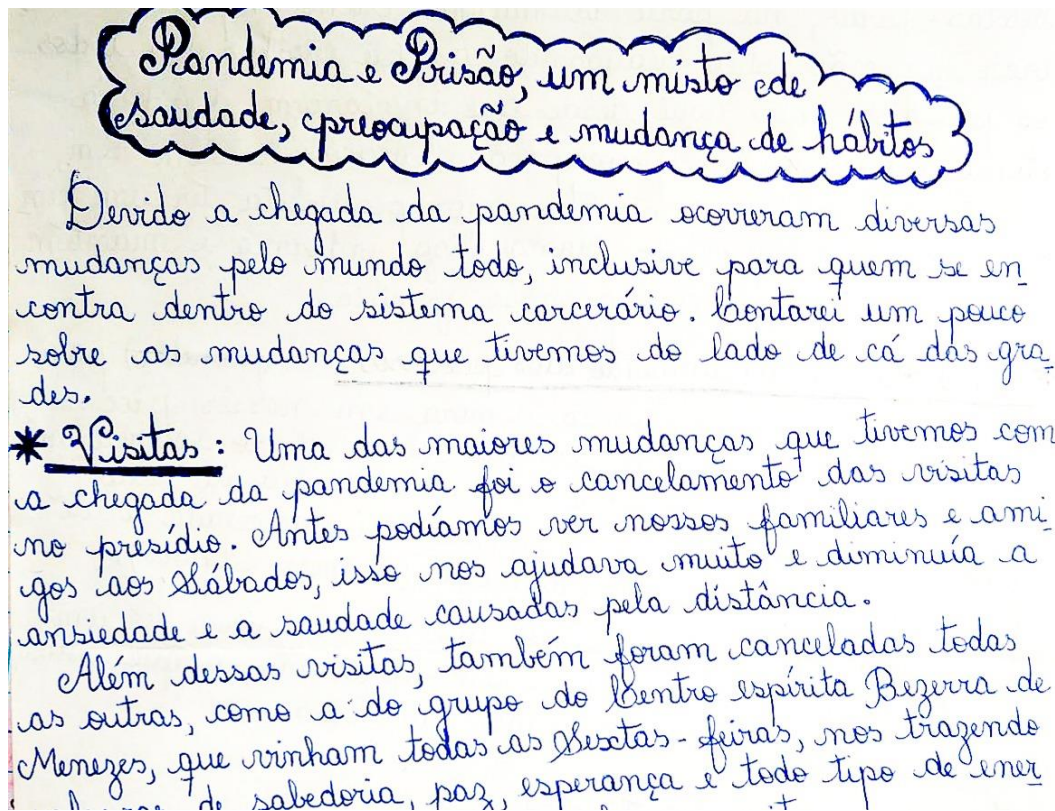


Imagem 1. Cartas recebidas através da Rádio da Cidadania, dezembro de 2020.
Fonte: da autora

As cartas enviadas eram lidas por todas nós do *Balcão*. O conteúdo das cartas revelava que, apesar de todas as dificuldades do momento, o grupo estava bem física e mentalmente. No entanto, nossas trocas eram limitadas para vinte pessoas que compunham nosso grupo de trabalho. Perguntávamos-nos como estariam as outras 240 pessoas presas no *Madre Pelletier*? Seria possível expandir o projeto para que mais pessoas interessadas pudessem participar? Encontrar um canal de conversa e troca que contemplasse todas as galerias do presídio e se tornasse um lugar onde todas as pessoas pudessem se manifestar? Estava claro, no entanto, que não podíamos criar uma nova dinâmica que demandasse muito esforço ou envolvimento da direção e funcionários já bastante empenhados nos cuidados para evitar que a COVID19 chegasse até a prisão.

Em uma das reuniões virtuais do *Coletivo Balcão da Cidadania*, que costumávamos realizar uma vez ao mês durante a pandemia, pensando nas possibilidades de



expansão das trocas, nos ocorreu a ideia de fazermos uma rádio. Durante o encontro, lembramos que os programas de rádio também funcionavam a partir do envio de cartas, através das quais o radiouvinte solicitava músicas ou enviava recados para pessoas que estavam distantes. Foi a partir dessa experiência, das cartas que chegavam às rádios, que propusemos uma rádio no *Madre Pelletier*. A *Rádio da Cidadania* funcionaria de forma analógica, somente dentro da prisão e a partir de um projeto que, de alguma forma, já estava acionado, que era a troca de correspondências.

A Rádio da Cidadania

(...) um belo dia vimos uma movimentação diferente no pátio, uma caixa de som e a Dona Marília. Todas foram para a janela olhar e logo ouvimos músicas e as vozes dessas mulheres, falando, sempre pensando em nós. Quando chegou a nossa vez de irmos ao pátio, aí sim, consegui entender o que aquelas falas significavam. (MULLER, depoimento, ZANATTA; BRAGA, 2022, p. 37).

A dinâmica da *Rádio Cidadania* se estabeleceu a partir de um primeiro programa no qual todas as integrantes do *Coletivo Balcão da Cidadania* gravaram áudios se apresentando e compartilhando a ideia da construção de uma rádio em colaboração com todas as pessoas que se encontravam em situação de privação de liberdade no *Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier*, ressaltando sua importância como um canal de comunicação possível no período de isolamento social imposto pela pandemia.

Assim, depois de, mais uma vez, consultar as nossas parcerias de trabalho sobre forma de recado compartilhado oralmente pela agente penitenciária Marília, resolvemos transformar as cartas físicas que trocamos em pautas para colocar em funcionamento uma rádio, propagar a voz que nos chegava através das escritas. Deixamos claro, quando sugerimos a rádio, que ela trabalharia os temas e assuntos que elas trouxessem explicitamente nas cartas: músicas gostariam de ouvir, temas gostariam de falar (Imagem 2).

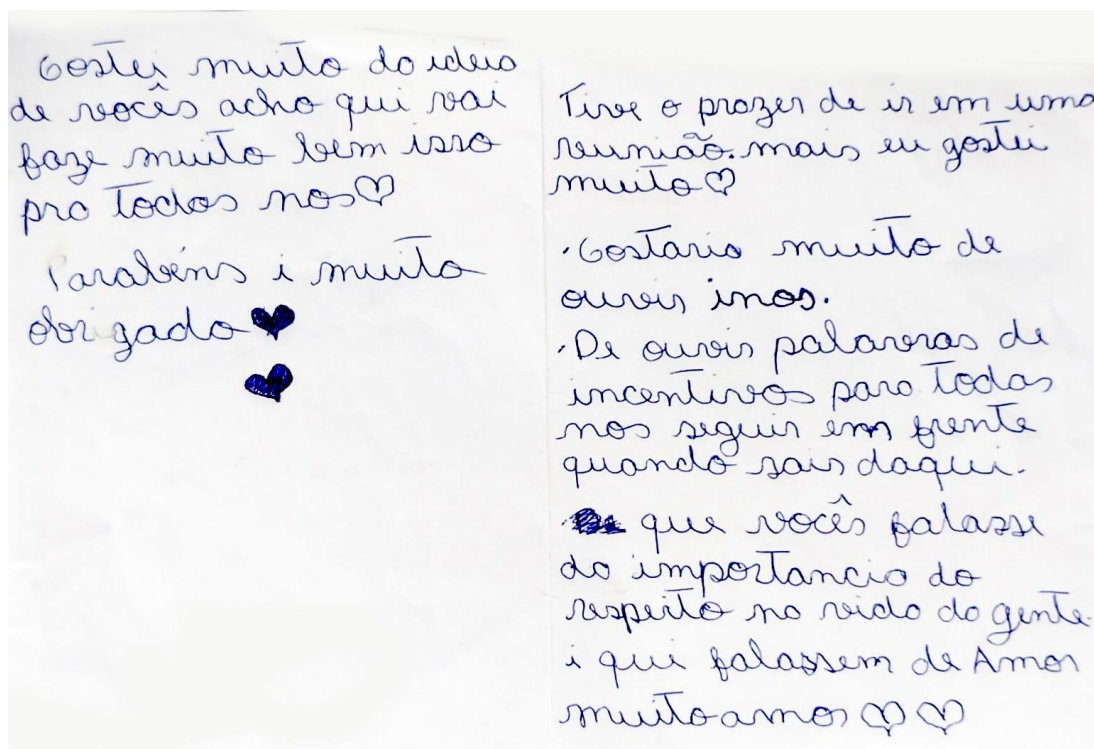


Imagem 2. Cartas recebidas através da Rádio da Cidadania, durante 2020-2021.

Fonte: da autora.

Em um segundo momento, depois do aceite das presas, estabeleceu-se a dinâmica do projeto, que foi baseada na gravação da rádio pelo coletivo sob o *slogam* “a rádio que pensa em você, está com você e torce por você” e posterior entrega semanal de um pendrive à nossa “porta-voz”, que colocaria então a edição da rádio para rodar, através da caixa de som, emprestada por mim e instalada no pátio do presídio. Cada edição da rádio tinha duração de vinte minutos, o tempo que dura a saída ao pátio.

Durante a semana, a agente penitenciária recolhia as escritas das pessoas participantes contendo relatos, impressões sobre o momento, desabafos, sentimentos, sugestões de temas a serem tratados na rádio e pedidos de músicas. Fora da prisão, nos encontros virtuais do *Coletivo Balcão da Cidadania*, reuníamos as cartas por temas, fazíamos uma lista das músicas mais pedidas e, a partir delas, gravávamos a rádio em um pendrive que era entregue na *Madre* pela mesma colega do *Balcão* que recolhia as cartas (Imagem 3).

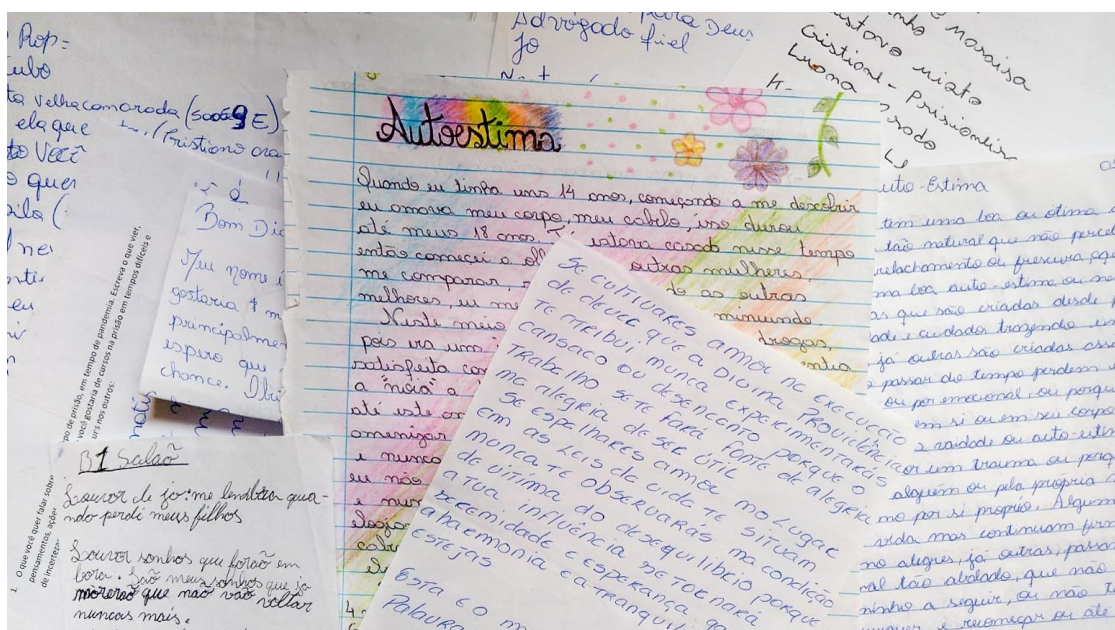


Imagem 3. Cartas recebidas através da Rádio da Cidadania, durante 2020-2021.

Fonte: da autora

Eu sempre pensei que a Rádio da Cidadania era uma rádio moderna, cheia de aparelhos, mas para a minha surpresa quando o Balcão estava liberado para as atividades presenciais, perguntei como era a gravação, foi aí soube que era feita no notebook e em casa (MULLER, depoimento, ZANATTA; BRAGA, 2022, p. 37).

Na terceira edição da *Rádio da Cidadania*, realizada em março de 2021, atendemos a dois pedidos, o de C.B. para falar sobre o amor (Imagem3), e o D.G. que pedia A.M. em casamento dizendo que não podia viver em um mundo onde ela não existisse.

Algumas Considerações

Nos encontros que o *Coletivo Balcão da Cidadania* promove na *Madre Pelletier*, encontramos nas táticas formas de operar “no espaço controlado pelo inimigo” (CERTEAU, 2011, p. 95) que é a instituição, na sua violenta forma de punir e na falsa promessa de ressocializar. Fazemos uso das falhas que as “conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário” (idem) “introduzindo-se por surpresa em uma ordem, estar onde ninguém espera (ibidem).” Nem mesmo



nós, do coletivo, esperamos, porque nossas táticas são criadas ali, no instante, não são planejadas, acontecem em meio aos diálogos (sobre temas variados) e que são inerentes a nossa prática.

Ao falar, por exemplo, de amor, de solidão ou da necessidade de estar só (devido ao excesso de pessoas em uma cela), da falta de intimidade, já estamos construindo, coletivamente, uma forma de escapar ao governo porque estamos elaborando juntas os desconfortos. No entanto, afastadas do que poderia ser uma terapia de grupo, o que fazemos é materializar esses diálogos, essas falas, em processos e projetos cujo interlocutor é a arte.

Todo o processo de troca de correspondências e veiculação da Rádio aconteceu durante o período de isolamento social provocado pela pandemia de COVID19 que, para as pessoas em situação de privação de liberdade, significou um duplo confinamento. Fora da prisão experimentamos o *Balcão da Cidadania* e toda sociedade, em um grau em que nossa dignidade não estava sendo afetada e onde nossa cidadania não estava em jogo, a restrição de movimentos, a realização de atividades limitadas o que nos aproximou ainda mais da realidade dos nossos grupos de trabalho.

A criação da rádio tornou-se um movimento para todos, significou a sobrevivência do espírito colaborativo, da forma de viver partilhada, ela nos fez criar uma tática de subversão, para abrir possibilidades. A rádio feita em casa é uma forma de sobreviver e extrair recursos da própria adversidade, uma invenção, uma tecnologia da precariedade, uma rádio sem sintonia.

Referências

BAKHTIN, M. O problema do texto. In: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b [1959/60].

BUTLER, J. O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. São Paulo, n. 22, p. 159-179, ago. 2013.



CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis,RJ: Editora Vozes, 2012.

CESAR, M. Como se existisse a humanidade. **Arte & Ensaio (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 16-25, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 12. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KESTER, Grant. Piezas conversacionales: el papel del dialogo en el arte socialmente comprometido. **Efímera Revista**, v. 8, n. 9, 2017. Disponível em: <<http://www.efimerarevista.es/efimerarevista/index.php/efimera/article/view/60/71>>. Acesso em: 31 março de 2024.

ZANATTA, C.; BRAGA, M. Catálogo Exposição Balcão da Cidadania: múltiplos olhares no tempo. Porto Alegre, Editora da UFRGS. 2022, p. 37

Notas

ⁱ Música *Dia de Visita*. Composição: Realidade Cruel, 2016. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/realidade-cruel/833772/>. A música foi pedida em uma das cartas enviadas por A.C. a *Rádio da Cidadania* no dia 28 de agosto de 2020.

ⁱⁱ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

ⁱⁱⁱ Superintendência dos Serviços Penitenciários.

^{iv} Tratava-se de atividades relacionadas à feitura de habeas corpus, assim como da aproximação ao vocabulário jurídico.

^v V.S.R. solicitou, em uma das cartas enviadas a *Rádio Cidadania*, que rodássemos a música xxx como forma de agradecer a ajuda que recebeu de seis companheiras de trabalho quando se feriu com uma faca durante o corte de carne na cozinha. A música foi composta por Rodrigo Leite / Serginho Meriti e está disponível em: <https://www.letras.com/diogo-nogueira/clareou/>

^{vi} Falamos no plural pois a cada ano os grupos tendem a mudar, seja pelo fato das pessoas que os constituem receberem a liberdade ou serem condenadas. Quando acontece a condenação elas são deslocadas para a galeria onde encontram-se pessoas que praticaram um crime semelhante ao seu.

^{vii} Utilizo o termo segundo o autor.

^{viii} "(...) a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos" (Foucault, 2000, p.289).

^{ix} Vide o modelo panóptico de Jeremy Bentham que ilustra o mecanismo disciplinar, de organização e vigilância dos corpos.

^x O tempo de sol no pátio é de vinte minutos diários.



^{xi} Algumas das pessoas presas que constituem nosso grupo de trabalho reclamam que, com a falta do que fazer, o tempo demora a passar, os dias são longos. Não foram poucas as vezes que nos foi solicitado que levássemos coisas para que pudessem entreter-se, como missangas para fazer colares e pulseiras ou tintas para pintarem as paredes das celas. Entendemos que preencher estes espaços de tempo é uma necessidade que vem do desejo de ressignificar essas existências que, por um período, parecem não fazer sentido.

^{xii} Além de ser uma possibilidade de exercer um trabalho, ser remunerada por ele e passar algumas horas fora da cela.

^{xiii} A Vida é Desafio, Compositores: Amanda Mittz / Julie Ramos. Disponível

em: <https://www.letras.mus.br/amanda-mittz/sobreviver/> e https://www.youtube.com/watch?v=ljl1_1rU-50. Pedido de música recebido em 20 de outubro de 2020.

^{xiv} Um dos primeiros temas da rádio foi falar sobre o momento pandêmico dentro do Madre.